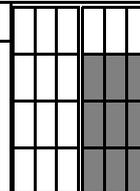




FAXINFORME

CLIPPING

Jornal de **Negócios** EDIÇÃO DIÁRIA
www.negocios.pt



Data:2004-08-09

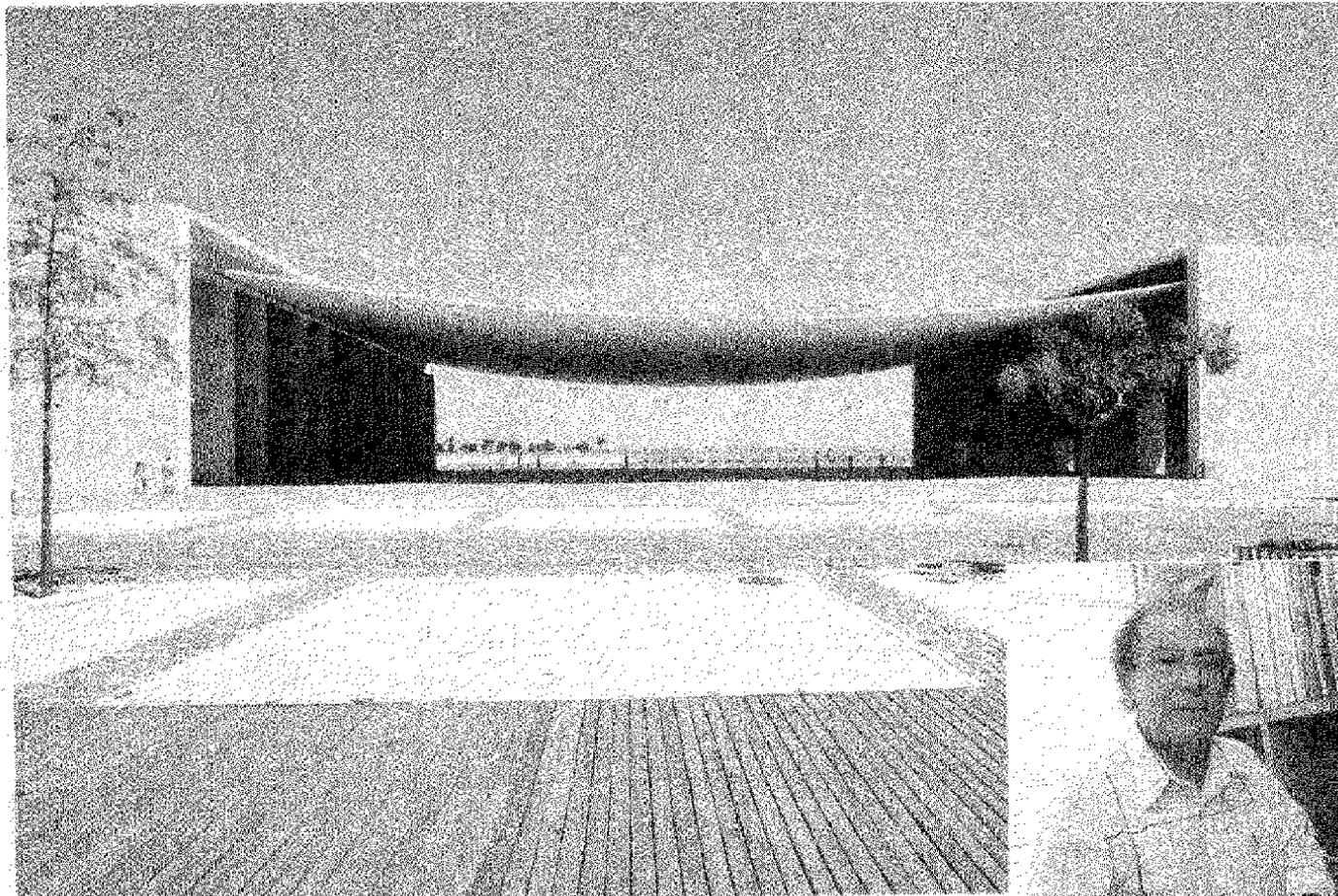
Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:13



O engenheiro ~~da pala~~ DO ÓSCAR

É conhecida como "a pala do Siza". E é. Mas é, também, a pala de Segadães Tavares, o engenheiro que erigiu o projecto. Agora, Segadães ganhou o primeiro "óscar" internacional da Engenharia de Estruturas atribuído a Portugal. E por causa de outro projecto: a ampliação da pista do Aeroporto Internacional da Madeira. O pretexto ideal para conhecer melhor um homem incrível.

► *Continua na página seguinte*

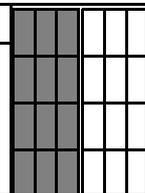
--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING

Jornal de **Negócios** EDIÇÃO DIÁRIA
www.negocios.pt



Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

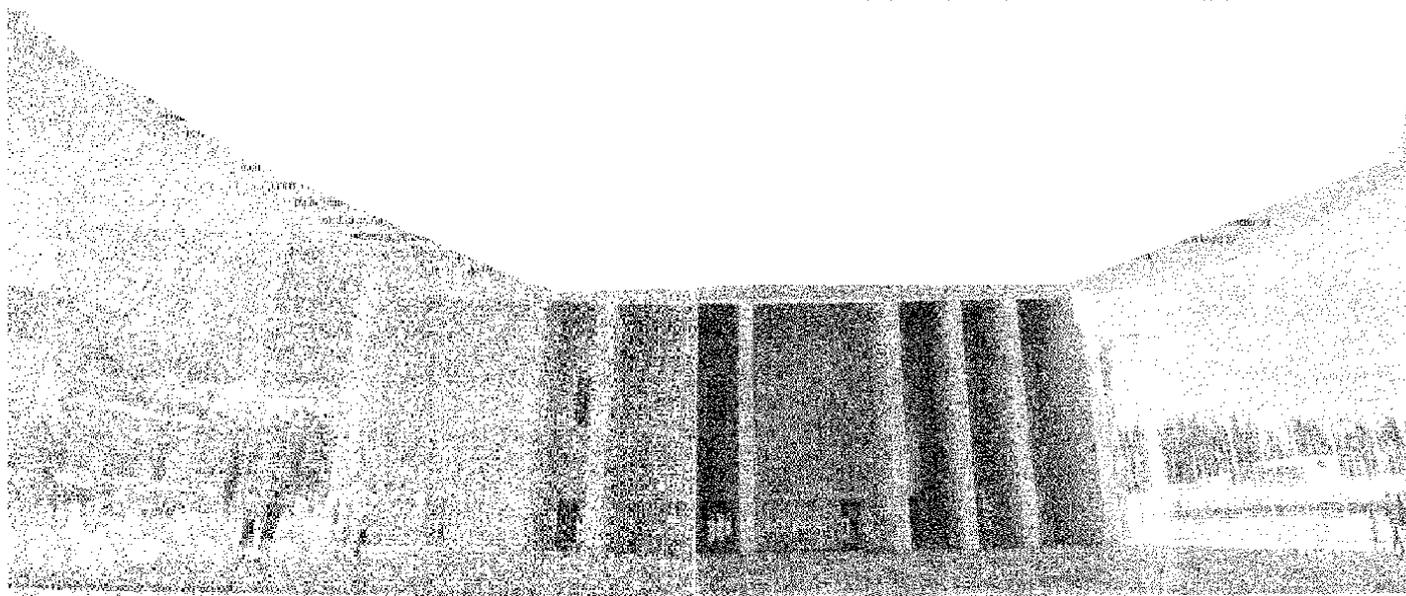
Cores:4 Cores

Pág:14

PRÉMIO INTERNACIONAL DA ENGENHARIA

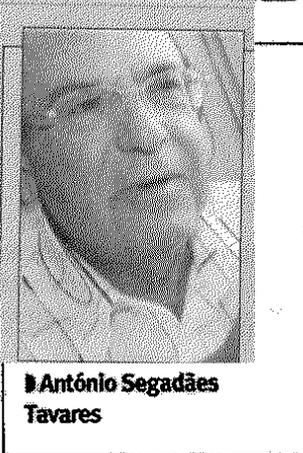
DESTAQUE

**“Tenho demasiado amor próprio
Se aquilo corresse mal...”**



--	--	--

PERFIL O engenheiro que ama a vida



Licenciado em Engenharia Civil, especialista em engenharia de estruturas e docente universitário, António Segadães Tavares é um apologista “da utilidade, da sabedoria, da força e da estética”, enquanto pilares das obras a que dá forma e às quais, se pudesse, juntaria a perenidade. Nasceu em Luau, Angola, a 1600 km do mar, pelo qual se diz “apaixonado”. Hoje, pratica vela como quem toma um ansiolítico, para aplacar a ansiedade.

Gosta das boas coisas terrenas, da gastronomia e das grandes conversas regadas com um bom vinho, dos seus livros com os quais é “ciumento” e de música sem a qual garante não conseguir viver. Eclético, elege a “world music”, o jazz de Keith Jarrett, as Profanas de Bach e as óperas de Mozart. “Gosto muito da vida, acho que somos uns afortunados”, remata, não sem antes desejar que a justiça social fosse uma inevitabilidade do Homem.

ELISABETE DE SÁ esa@mediafin.pt
E PEDRO APERTA pa@mediafin.pt (fotos)

IA A BORDO DO PRIMEIRO AVIÃO A ATERRAR, em Setembro de 2000, na recém-ampliada pista do Aeroporto Internacional da Madeira, uma ponte de mil metros assente num “jogo” de pórticos e pilares sustentados pelas águas do Atlântico. Era, provavelmente, o mais confiante de todos os passageiros. Mas a engenharia de estruturas não é uma ciência exacta, mas sim aproximada. Ao engenheiro, nas suas lides com essa entidade misteriosa a que se chama “força”, compete o rigor nessa aproximação. E, como tudo aquilo que faz “é humano, não é divino”, o artífice quis comprovar “in loco” o vigor da sua obra, mesmo quando todos os testes lhe garantiam que a estrutura aguentaria, sem vacilar, a aterragem do novo Jumbo de 400 toneladas – 1.200 em caso de colisão.

“Tenho demasiado amor-próprio. Se aquilo corresse mal eu não queria sobreviver, não iria aguentar a vergonha”, confessa António Segadães Tavares, o autor da obra que acaba de ser contemplada com o “óscar” IABSE OSTRAL – Outstanding Structures Award, o mais importante prémio in-

--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING



Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:14

ternacional de Engenharia de Estruturas, da Association for Bridge and Structural Engineering, pela primeira vez atribuído a uma obra e a um engenheiro português (em ex-aequo com o Museu de Arte de Milwaukee, nos Estados Unidos da América, um projecto da autoria de Santiago Calatrava). Instituído no ano 2000 com o objectivo de “reconhecer as estruturas mais notáveis, inovadores, criativas ou de alguma forma estimulantes, este troféu distinguiu já projectos como o Museu Guggenheim de Bilbao e a Biblioteca de Alexandria. Um reconhecimento para a engenharia nacional, “uma massagem no ego” de Segadães Tavares, admite.

“Acho que sou suficientemente isento para avaliar as particularidades desta obra, uma estrutura invulgar e única no mundo e que, de alguma forma, faz escola. Este prémio é o coroar de uma série de obras de que me orgulho, muitas das quais pequenos trabalhos que ninguém conhece. Mas até hoje, este foi o meu maior desafio porque tive que lutar contra a descrença dos que estavam do lado de lá, não foi uma situação pacífica... Mas é também um reconhecimento para a engenharia nacional e eu gostava que em Portugal houvesse mais reconhecimento das próprias capacidades do País e das suas pessoas”, afirma o engenheiro.

ENTRE CONTINENTES

DE UM DIA PARA O OUTRO, Segadães Tavares passou de engenheiro anónimo que se confunde na multidão a “génio” nacional. Isso incomoda-o um pouco. O mediatismo não é fácil de gerir, muito mais por quem nunca quis ser mediático. Amante de grandes conversas, talvez se cansasse em breve de tanto

repetir a sua história. Ou talvez não.

Em traços largos, nasceu em Dezembro de 1944, em Luau, Angola. Com 17 anos, em 1961, chegou à Doca de Alcântara a bordo do “Príncipe Perfeito” e teve vontade de fugir, regressando a África. Rumou porém à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, onde se licenciou em Engenharia Civil com classificação final de 16 valores – a melhor do seu curso – que lhe valeu o Prémio da Fundação Engenheiro António de Almeida.

Desde 1969 que desenvolve a actividade de projectista, tendo iniciado a sua actividade profissional no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). Foi depois director do departamento de Estudos e Projectos da construtora Teixeira Duarte e fundador e director técnico da Triede – Consultoria de Projectos de Engenharia Civil, SA. Actualmente é director e responsável principal do STA – Segadães Tavares & Associados, Engenheiros e Arquitectos Consultores, gabinete de estudos e projectos que fundou em 1986.

Autor do livro “Análise Matricial de Estruturas”, editado em 1972 pelo LNEC e com obra diversa publicada em publicações especializadas nacionais e internacionais, dedica-se também à actividade de docente que hoje exerce como Professor Associado do departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Mas completada a licenciatura, só pensava em voltar para Angola, onde queria transformar o seu conhecimento em contributo válido.

Teve que esperar. O 25 de Abril “apanha-o” em Lourenço Marques e acaba por regressar a Portugal, onde chega na noite de 28 de Setembro de 1974. Encontra uma Lisboa barricada em resposta à anunciada manifestação da “Maioria Silenciosa”, que reclamava o reforço da posição política e militar do General Spínola, então Presidente da República. Resistiu pouco tempo até se apresentar ao Ministério da Educação, candidato a um lugar de professor na Faculdade de Engenharia da Universidade de Luanda, inaugurada em 1963.

Desta vez a bordo do “Infante D. Henrique” regressou às suas raízes e encontrou um país assolado por “uma descolonização apressada e mal feita”. De ligações cortadas com o MPLA desde 1965, custava-lhe agora conviver com os “Agostinhos Netos” e “Nitos Alves” que, mais uma vez, o impediam de “respirar livremente”. “Não aceito nem tolero qualquer tipo de opressão, com ou sem dor”, afirma.

É assim encontra-se – e desencontra-se – de novo em Portugal. Angolano ou português? “É uma questão para a qual nunca encontrarei resposta, mas as minhas reacções são africanas e todas as sensações de que fui embuído em África, condicionam o meu trabalho”.

--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING

Jornal de **Negócios** EDIÇÃO DIÁRIA
www.negocios.pt

Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:15

MESTRES E ARQUITECTOS

GOSTA DA OBRA dos irmãos Mateus, em especial do edifício da Reitoria da Universidade Nova de Lisboa e da Ponte Salgueiro Maia, de Câncio Martins. Não gosta da Casa da Música, do Pavilhão de Portugal, da Gare do Oriente e nem particularmente dos novos estádios de futebol. Com Manuel Salgado assume a "cumplicidade", que entre engenheiro e arquitecto dá vida ao traço. De Siza Vieira diz que era já uma referência mesmo antes de ganhar o prémio Pritzker, em 92.

"Sou aquilo que sou pelos mestres que tive", defende. "O meu pai - o primeiro e maior de todos - nos princípios e na ética", ao qual se seguiram excelentes professores primários e de liceu.

Mais tarde, conheceria alguns "bons mestres" na escola do Porto. Mas Correia de Araújo, Joaquim Sarmiento, Joaquim Sampaio e Aristides Coelho são, sem dúvida, as suas grandes referências profissionais. "Tenho também um carinho muito grande pelo Valente de Oliveira - fui aluno da primeira aula que deu - de quem gosto da visão, da rectidão e da inteligência".

Depois vêm as críticas que atingem muitos arquitectos "que só têm pompa balofa", aos que "cuja obra é um pastiche, uma colagem", aos "nomes patéticos a quem chamo de 'engenheiros de alto risco' que gostam de ir à televisão" e a todos aqueles "que lutam mais pelo título do que pelo seu bom nome". Segadães Tavares não morre de amores por alguns dos arquitectos com quem se cruza. Não compreende a necessidade que têm de "impor os seus gostos, querendo ser artistas e esquecendo-se que são profissionais".

"Mas temos muito bons arquitectos portugueses", defende. A eles alia-se sempre que os políticos do nosso País vão buscar "nomes sonantes que nada têm a ver com a nossa cultura, dando-lhes condições que não dão aos arquitectos nacionais".

Depois, há ainda os promotores quem merecem respeito e os "vigaristas" e as autoridades técnicas e políticas umas vezes "negligentes, outras coniventes". "O lucro ilegítimo e a especulação são actividades condenáveis. Para essas pessoas acredito que há Inferno". É a chamada cultura do betão? "É um material que ganhou a carga perjurativa que hoje lhe é reconhecida devido à sua má utilização por parte de interesses económicos obscuros. O betão tem as costas largas", remata.

UM LUGAR AO SOL

PROVOCADOR, INCÓMODO, CONTESTATÁRIO, politicamente incorrecto, Segadães Tavares é, aos 59 anos, uma daquelas poucas pessoas que não tem, de facto, "papas na língua". Exercendo esta sua faceta com refinada ironia e até alguma comicidade, facilmente poderá ser tido como o "engenheiro excêntrico". E é-o provavelmente, como todos os que estão fascinados pela vida - "gosto dos sons, das cores, das texturas, das formas, das pessoas..." - deslumbrados com o mundo - "com as formas hexagonais da água cristalina num floco de neve" e que apaixonados por aquilo que fazem - "os materiais são seres vivos".

Mas "foi uma luta árdua para conquistar um lugar ao Sol", especialmente para quem desde cedo se habituou a ter o carimbo de "português de segunda" no Bilhete de Identidade. "Mas consegui o meu lugar e não devo nada a ninguém. Não tenho nada a esconder, nunca estive ligado a poderes políticos e financeiros. Por isso posso ser incómodo, polémico e, às vezes, até demasiado vernáculo. Mas pauto-me por princípios éticos, por isso, ando na rua de cabeça erguida, sem vergonha ou medos", acrescenta.

Humanista por natureza, independente, iconoclasta, sempre contra o poder instituído, "que muitas vezes corrompe". É este o retrato que Segadães Tavares traça de si mesmo. Considera que a Engenharia de Estruturas é a "arte nobre" do ramo, "aquela que levou o Homem à Lua". Talvez por isso sonhe em construir uma ponte em tal astro, onde a diferença de gravidade poderia resultar numa estrutura de forma "muito esbelta". Sem dúvida, uma obra num espaço imenso, como aqueles que conheceu em África.

Segadães Tavares não morre de amores por alguns dos arquitectos com quem se cruza. Não compreende a necessidade que têm de "impor os seus gostos, querendo ser artistas e esquecendo-se que são profissionais".

"Mas temos muito bons arquitectos portugueses", defende. A eles alia-se sempre que os políticos do nosso País vão buscar "nomes sonantes que nada têm a ver com a nossa cultura, dando-lhes condições que não dão aos arquitectos nacionais".

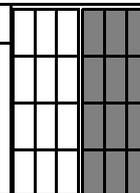
--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING

Jornal de **Negócios** EDIÇÃO DIÁRIA
www.negocios.pt



Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:15

A IDEIA DA PALA “NÃO É MINHA, NÃO É DO SIZA, NÃO É DE NINGUÉM”



A famosa pala que cobre a praça cerimonial do Pavilhão de Portugal, no recinto da Expo' 98, vulgarmente conhecida como “a pala do Siza”, é afinal também “a pala do Segadães”. Na prática, foi Siza Vieira quem fez o traço, e Segadães Tavares quem o concretizou. No início era um esboço, “um traço artístico” idealizado pelo arquitecto. “Havia um fenómeno natural que se aproximava muito da ideia de Siza Vieira - a catenária, que tem um comportamento muito simples”, explica. Calculado com o rigor suficiente qual a forma que a estrutura tomara se fosse deformável, foi-lhe dada essa condição à partida, sustentada em cabos de aço. Afinal, a “genial” pála não é mais do que “uma forma de equilíbrio existente na natureza. Não é minha, não é do Siza, não é de ninguém”, defende. “Não gosto do Pavilhão de Portugal, mas gosto da pala. É de uma simplicidade tremenda, um dos projectos mais simples que já fiz. E, neste caso, com que vista! Mesmo na ciência, as coi-

sas mais bonitas e elegantes são simples. Quando vejo uma equação complicada desconfio logo”, afirma.

Este não foi o primeiro projecto em que Segadães Tavares e Siza Vieira uniram esforços, pelo que os trâmites da parceria eram já conhecidos. “Na troca de ideias, na discussão, o Siza Vieira é um arquitecto que ouve os engenheiros

com os quais trabalha”, afirma. Mestre que cultiva a pureza do traço, poderá esquecer-se, por vezes que “que não é escultor, mas sim arquitecto, pelo que tem que apanhar o enquadramento humano”. Quanto a defeitos - e todos os temos - Segadães Tavares aponta-lhe o “timing” inoportuno. “Não sei se é criatividade ou desleixo, mas quase na fase final do projecto é que vinha fazer modificações”, conta. Além disso, acrescenta, a inquestionável referencia na arquitectura portuguesa, sofre hoje de um síndrome ao qual todos somos vulneráveis: o louvor. “Ele que era um homem isolado e introvertido, passou a ter à sua volta umas ‘borboletas ton-tas’ que para sobreviver não se cansam de repetir ‘o senhor é o maior’. Ele é humano e, por isso, tanto lhe o disseram que o convenceram e hoje ele tem um ego desmesurado”.

No recinto da Expo'98 - “que foi um ninho de amiguismos” - Segadães Tavares tem ainda a sua assinatura no Pavilhão de Portugal e no Teatro Camões.

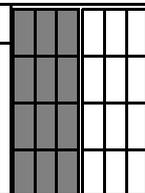
--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING

Jornal de **Negócios** EDIÇÃO DIÁRIA
www.negocios.pt



Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:16

□ SEGADÃES TAVARES EM ENTREVISTA

DESTAQUE

Crimes e fraudes no ensino

Pedro Aporta

O ensino da Engenharia em Portugal “é bom, mas não vamos generalizar”, afirma Segadães Tavares, para quem a Escola de Engenharia do Porto e o Instituto Técnico de Lisboa são as principais referências positivas. A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona actualmente no departamento de Engenharia Civil, “também é ainda uma boa escola de Engenharia, mas que tende a ser dominada por correntes ligadas à Física e à Matemática. Há algumas lutas de poder na Universidade, pelo que temo pelo seu futuro”, afirma.

Muito crítico em relação à política de ensino em Portugal, Segadães Tavares aponta as médias de acesso ao ensino superior, excessivamente elevadas em cursos como Medicina. Nesta situação, está também o ensino da Arquitectura. “Afinal, quem são os grandes arquitectos que tiveram notas altas? Isto é impensável. Um disparate completo, contrário à natureza da juventude”, alega.

No outro prato da balança, pesam também demasiado as notas excessivamente “inflacionadas” no liceu para permitir a entrada de muitos na universidade. “Uma fraude”, acusa, em parte provada “pela vaidade dos criadores de programas do se-



**“É CRIMINOSA” A ADMISSÃO DE ALUNOS NOS CURSOS DE ENGENHARIA
COM NOTAS NEGATIVAS A MATEMÁTICA E A QUÍMICA**

--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING



Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

Cores:4 Cores

Pág:16

cundário, que perdem tempo a ensinar coisas que não interessam para nada". Deste lado do problema, estão muitos candidatos a cursos de Engenharia, que entram nas faculdades com notas negativas "de seis e sete valores" a disciplinas como a Matemática e a Química. Uma prática que o engenheiro e professor considera "criminososa".

Protagonista de uma geração "com grandes preocupações sociais e de desenvolvimento", envolvido em tantas lutas académicas nas quais se cruzou com o actual Presidente da República Jorge Sampaio, Segadães Tavares acredita que a actual política de ensino é instrumental. "Estão a amordaçar os jovens, a manipulá-los para evitar possíveis contestações", afirma.

Terminada, bem ou mal, a etapa do ensino superior, o problema alastra-se ao nível dos concursos de acesso à Função

Pública, nos quais a média é determinante. Um sistema injusto que não tem em consideração a diferença e a exigência de critérios de avaliação existentes nas diversas instituições de ensino superior públicas e privadas. "Dentro de duas dezenas de anos, os lugares da Administração Pública estarão, provavelmente, preenchidos por pessoas sem competências e isso é muito mau para o País", defende.

OBRAS DE REFERÊNCIA DO AUTOR

ESTRUTURAS ESPECIAIS

- ▷ Ampliação da Pista do Aeroporto do Funchal
- ▷ "Pala" de cobertura da Praça Cerimonial do Pavilhão de Portugal, no recinto da Expo' 98
- ▷ Projecto de reforço e consolidação do Túnel Ferroviário do Rossio e Galerias da Expo'98
- ▷ Estádio da Cidadela (2 anéis - 75 mil espectadores), em Luanda, Angola

EDIFÍCIOS DE SERVIÇOS E COMERCIAIS

- ▷ Centro Cultural de Belém
- ▷ Pavilhão de Portugal
- ▷ Teatro Camões, edificado para a Expo'98
- ▷ Vasco da Gama Shopping
- ▷ Algarve Shopping
- ▷ Edifício Grandella
- ▷ Edifício Sede do Crédito Predial Português, na Av. da República, Lisboa
- ▷ Vila Moura Marina Hotel
- ▷ Hotel Meridien

EDIFICAÇÃO PARA O NÍVEL SUPERIOR

- ▷ Escola Superior de Teatro e Cinema, na Amadora
- ▷ Instituto Karl Marx de Economia e Gestão, em Luanda, Angola
- ▷ Campus do Bonito da Escola Superior Agrária de Santarém
- ▷ Academia da Força Aérea, em Sintra

RECONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS HISTÓRICOS

- ▷ Diversos trabalhos na reconstrução da zona sinistrada do Chiado
- ▷ Edifício do Banco de Portugal, em Évora
- ▷ Edifício do Montepio Geral, em Lisboa
- ▷ Adaptação a pousada do Mosteiro de Flor da Rosa, Crato

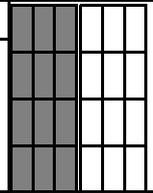
--	--	--



FAXINFORME

CLIPPING

Jornal de **Negócios** EDIÇÃO DIÁRIA
www.negocios.pt



Data:2004-08-09

Tipo de publicação:Jornal Nacional Diário

Secção:

FOTO

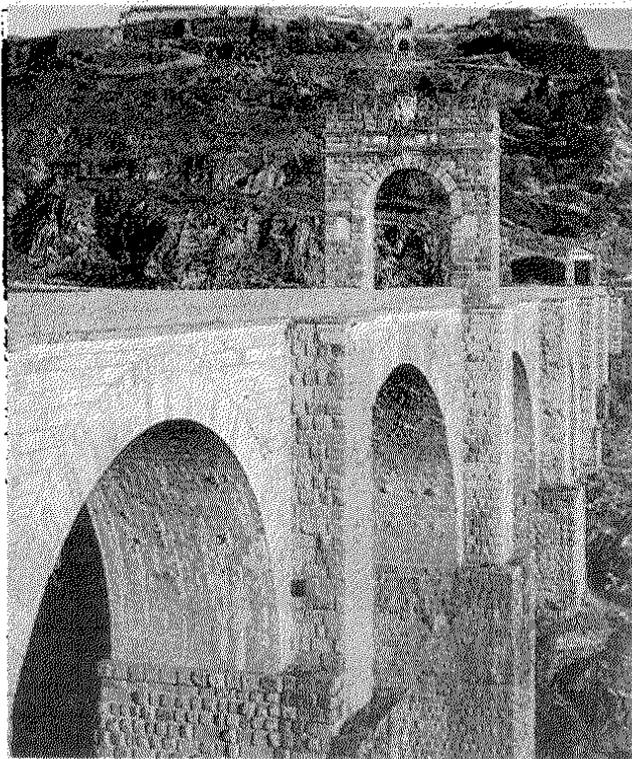
Cores:4 Cores

Pág:16

GRANDES OBRAS

As escolhas de Segadães Tavares

O engenheiro português traça um roteiro de grandes obras que admira a nível mundial, com paragem para analisar também “um disparate completo”.

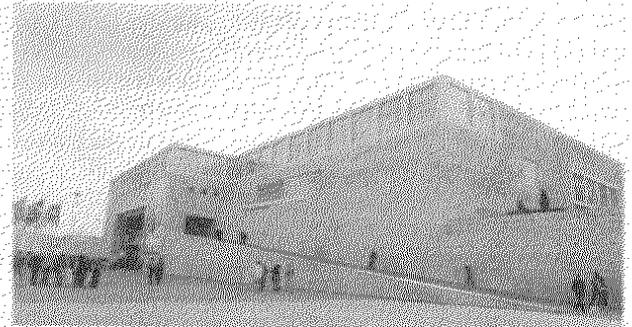


PONTE DE ALCÁNTARA (TRAJANO)

Obra monumental, Segadães Tavares inveja-lhe também a “perenidade”. “Quem me dera que alguma das minhas obras durasse tanto como a Ponte de Alcántara”, mandada construir pelo Imperador Trajano, em Espanha, no ano 105 d.C.

CCB MANUEL SALESADO E VITORIO GREGORINI

“Penso que o Centro Cultural de Belém atingiu plenamente dos seus objectivos. É uma obra que está muito bem integrada e remata toda aquela praça monumental sem nunca ofender o Mosteiro dos Jerónimos”, afirma o engenheiro que trabalhou na sua construção.



GARE DO ORIENTE SANTIAGO CALATRAVA

O arquitecto e engenheiro de Valência, com quem divide em ex-aequo o prémio IABSE OstrA, 2004, é uma das referências de Segadães Tavares. No entanto, o engenheiro português considera que a Gare do Oriente, um dos marcos da obra de Santiago Calatrava, é um “disparate completo”. “Parece uma árvore de Natal. Aquele espaço é uma gare de passageiros e, enquanto tal, a obra não cumpre a sua função”.



--	--	--